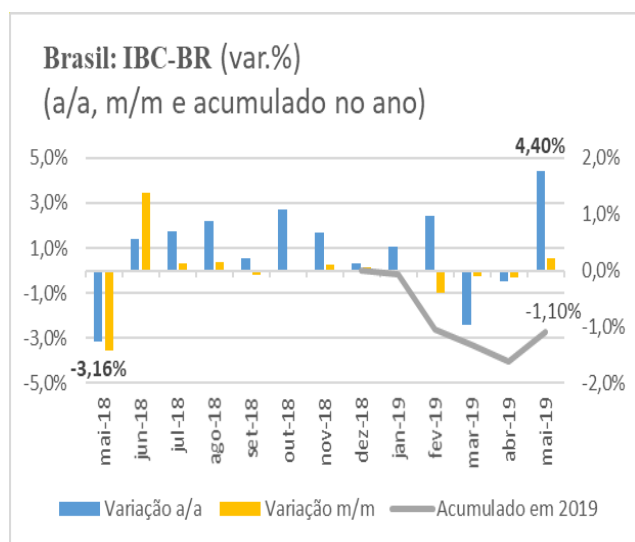


## 1. Brasil: Nível de atividade

### 1.1. IBC-Br

Apresentando a primeira variação positiva do IBC-Br contra o mês anterior, o resultado de maio/19 ficou em +0,54%, esse crescimento é insuficiente para recompor a queda na economia ocorrida nos 4 primeiros meses do ano. Como podemos ver no gráfico o índice sugere uma retração da economia de -1,10% no ano.



Fonte: Banco Central do Brasil

Apesar de parecer expressivo, o crescimento de 4,40% nos últimos 12 meses teve como impulso a saída da série de maio de 2018, quando, na greve dos caminhoneiros houve uma retração expressiva da atividade de -3,16%, dessa forma, os 12 meses passam a ser compostos por junho de 2018 quando tivemos a recuperação de 3,45%, em grande parte recompondo a queda do mês anterior.

O resultado apresentado pelo índice sugere que o risco de recessão permanece e pressiona o Banco Central para a abordagem de uma política expansionista mais enfática.

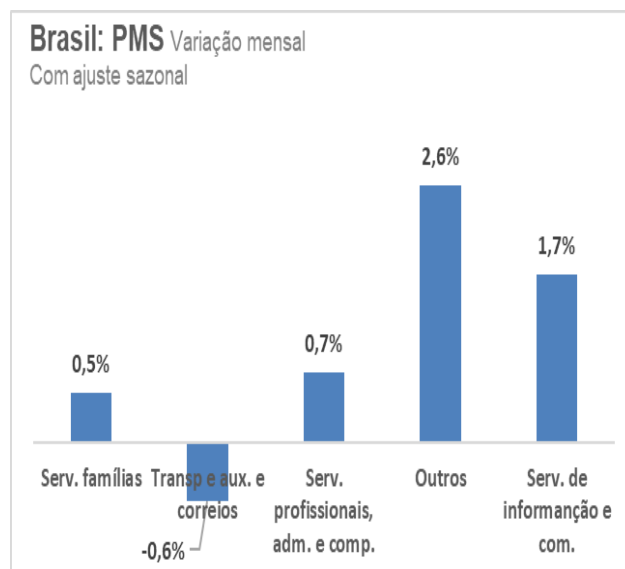
### 1.2. Serviços

Ao fim do mês de maio/19 o volume de contratação de serviços, na série livre de influências sazonais, se manteve estável (0,0%) no Brasil em

comparação com a última pesquisa, em abril/19, quando houve avanço de 0,5%.

Frente ao mesmo período do ano anterior - sem o ajuste sazonal - o volume de serviços avançou 4,8%, maior taxa desde fevereiro de 2014, quando houve variação positiva de 7%. O índice geral acumula alta de 1,4% desde janeiro deste ano, mostrando robustez frente ao 1,1%, até março, e ao 0,6% até abril.

A avaliação setorial dos números, mostram taxas positivas em quatro das cinco áreas que compõem a pesquisa, com proeminência para os serviços de informação e comunicação (1,7%), e outros serviços (2,6%). Apenas transportes, serviços auxiliares ao transporte e correios obteve variação de -0,6%, repetindo o resultado do mês anterior.



Fonte: IBGE

Por fim, a média móvel para o trimestre que se encerrou em maio/19 mostrou variação negativa de 0,1%, mantendo uma trajetória descendente desde o início do ano.

### 1.3. Comércio

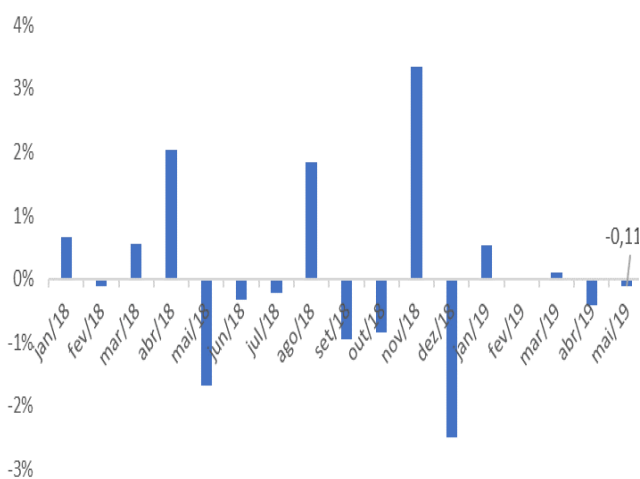
O volume de vendas do varejo em maio/19 apresentou estabilidade -0,1% comparado com o mês anterior que caiu -0,4%. Na comparação com maio/18 ocorreu um avanço de 1%. No ano de 2019 o acumulado está em 0,70%. O acumulado em 12 meses observado foi de 1,30%.

O comércio varejista apresentou variações positivas em seis das oito atividades pesquisadas, com destaque para hipermercado, supermercados, etc. com 1,4% e tecidos, vestuário e calçados com 1,7%. Os destaques negativos foram outros artigos de uso pessoal e doméstico -1,4% e Combustíveis e lubrificantes -0,8%.

O volume de vendas do comércio varejista ampliado em maio/19, que é composto de veículos, motos, partes e peças e material de construção teve uma variação positiva de 0,2% frente ao mês anterior. A média móvel trimestral cresceu 0,5%. Já na comparação ao mês de maio/18 a variação positiva foi de 6,4%. O varejo ampliado apresenta no ano de 2019 um acumulado de 3,3%. Nos últimos 12 meses está em 3,8%.

### Brasil: PMC Variação Mensal (%)

Com ajuste sazonal



Fonte: IBGE

## 1.4. Indústria

Com o segundo mês consecutivo de resultado negativo, a produção industrial do mês de junho/2019 encerrou o período com queda de 0,6% em relação ao mês de maio/2019. Dos 26 ramos pesquisados, 17 encerraram o mês de junho com resultados negativos. Sendo que os principais responsáveis foram "outros equipamentos de transporte" e "máquinas e equipamentos" empatados em primeiro lugar com queda de -6,5%. Seguidos por manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (-5,0%), produtos farmacêuticos e produtos químicos (-3,8%), celulose, papel e produtos de papel (-2,2%) e produtos alimentícios (-2,1%).

### Brasil: Produção Industrial Mensal (PIM)

Variação Períodos (%)

Junho 2019 / Maio 2019	-0,6%
Junho 2019 / Junho 2018	-5,9%
Acumulado 2019	-1,6%
Acumulado em 12 meses	-0,8%
Média móvel trimestral	-1,0%

Fonte: IBGE / Elaboração: DEPE

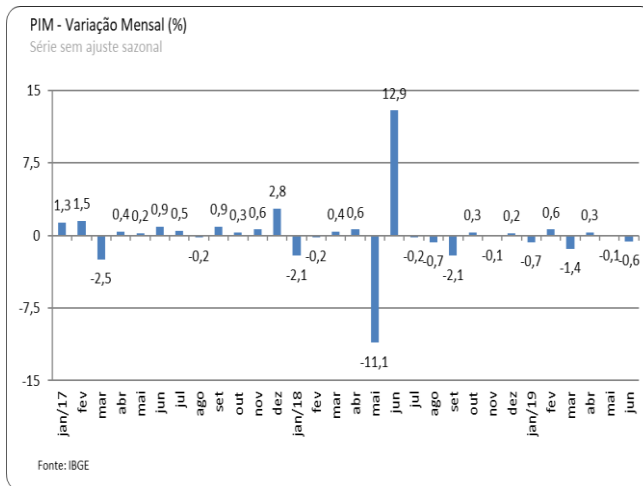
Dos ramos citados acima, produtos alimentícios, máquinas e equipamentos e veículos automotores, reboques e carrocerias também tiveram resultado negativo no mês de maio.

O destaque positivo para o período ficou com o ramo de indústrias extrativas, que avançou pelo segundo mês seguido, acumulando expansão de 11,0%. Amenizando a queda acumulada de 25,1% dos quatro primeiros meses do ano.

Em se tratando das grandes categorias econômicas, bens de consumo semi e não-duráveis recuaram 1,2%. Enquanto que bens de consumo duráveis, bens de capital e bens intermediários recuaram respectivamente -0,6%, -0,4% e -0,3%.

Na comparação com igual mês do ano anterior, o setor industrial assinalou recuo de 5,9% em junho de 2019, com resultados negativos nas quatro grandes categorias econômicas, 20 dos 26 ramos, 56 dos 79 grupos e 61,2% dos 805 produtos pesquisados.

O desempenho da indústria em 2019 só não é desfavorável quando é analisado sob a perspectiva trimestral. Mesmo com recuo de -1% no segundo trimestre do ano ainda é melhor do que o apurado no último trimestre de 2018 (-1,2%) e no primeiro trimestre deste ano (-2,3%).



## 2. Mercado de Trabalho

Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o mês de junho/19 registrou saldo de **48.436** postos de trabalhos formais (resultado de **1.248.106** admissões e de **1.199.670** desligamentos), setorialmente, distribuídos conforme a figura a seguir:



Fonte: CAGED

Os destaques do mês foram os setores de Serviços e Agropecuário, que juntos foram responsáveis por 45.722 novas oportunidades de trabalho, representando 94,39% do saldo do mês. Por sua vez, a Indústria de Transformação apresentou o maior número de desligamentos, dentre os subsetores destacamos aqueles que mais eliminaram oportunidades no período: calçadista (-3.850), têxtil (-2.569) e material de transporte (-2.163).

Territorialmente distribuídos da seguinte forma: região Sudeste (31.054), Centro-Oeste (10.952), Nordeste (5.142), Norte (4.002) e Sul (-2.714).

No acumulado do 1º semestre de 2019, temos saldo de 408.500 postos formais de trabalho, apenas o setor de Comércio apresentou saldo negativo (-

88.772). O setor de Serviços foi o que mais ofereceu oportunidades (+272.784), seguido dos setores de Agropecuária (+75.380) e Indústria de Transformação (+69.286).

### Reforma Trabalhista em perspectiva

Em junho de 2019, foram celebrados 17.951 desligamentos por acordo entre empregado e empregador. Os setores mais atingidos foram os de Serviços (8.654), Comércio (4.506), Indústria (2.793) e Construção Civil (1.076).

Já o saldo de contratações por contrato de trabalho intermitente foi de 15.520 admissões e 5.343 desligamentos, resultando num saldo de 10.177 contratações na modalidade. A maior parte das vagas se dividiram entre os setores de Serviços (2.995), Comércio (2.197) e Indústria (1.199).

Os contratos de trabalho por regime parcial, por sua vez, registraram no período cerca de 5.922 admissões e 4.495 desligamentos, o saldo de 1.427 empregos se dividiu entre Comércio (803), Serviços (520) e Indústria (43).

### PNAD Contínua

Os dados da PNAD Contínua do IBGE para o trimestre móvel de abril, maio e junho de 2019 apontam uma redução da taxa de desocupação em relação ao mesmo trimestre de 2018 de 0,4 p.p., passando de 12,4% para 12,0%, comportamento típico para esse período do ano, na comparação o trimestre imediatamente anterior (12,7%) a redução foi ainda maior (0,7 p.p).

Dessa forma, a população desocupada totalizou cerca de 12,7 milhões de pessoas, uma diminuição cerca de 620 mil pessoas (4,6%) na comparação com o trimestre imediatamente anterior, e também decréscimo (cerca de 150 mil pessoas) em relação ao mesmo período de 2018.

A população ocupada totalizou 93,3 milhões de pessoas, apresentando crescimento de cerca de 1,4 milhão de pessoas na comparação com o trimestre anterior (91,9 milhões), na comparação com o mesmo trimestre de 2018 há um aumento de 2,3 milhões, ou 2,6%.

Entre os tipos de ocupação os destaques são: “conta própria”, que apresentou o maior crescimento na comparação com 2018, com 1,15 milhões de pessoas (5,0%) e 391 mil pessoas (1,6%) em relação ao trimestre imediatamente anterior. Em seguida “empregado no setor privado

sem carteira assinada” cresceu na comparação com 2018 e com o trimestre anterior, 565 mil (5,2%) e 376 mil (3,4%) respectivamente. A ocupação “empregado no setor privado com carteira assinada”, com acréscimo de 521 mil pessoas (1,6%) sobre 2018 e 243 mil (0,7%) na comparação com o trimestre anterior.

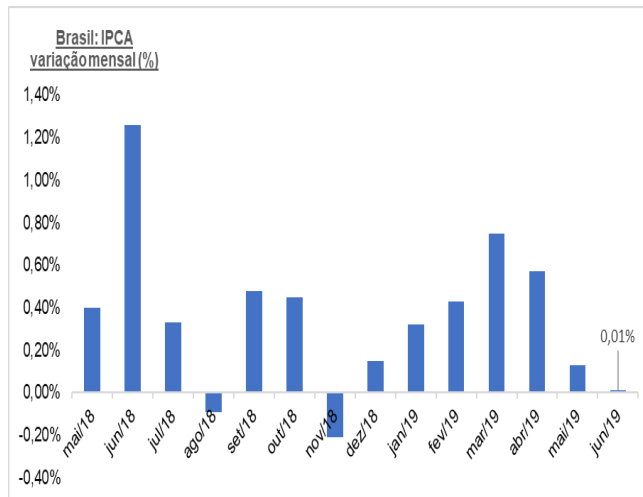
O total de pessoas subutilizadas (pessoas desocupadas, subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas e na força de trabalho principal) alcançou o contingente de 28,54 milhões de pessoas, com crescimento significativo, na comparação com o mesmo trimestre de 2018, de 923 mil pessoas (3,4%), em relação ao trimestre anterior o crescimento foi mais modesto, 81 mil pessoas (0,3%).

### 3. Inflação

A variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA do mês de junho/19 divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ficou em 0,01%. Em maio/19 a taxa foi de 0,13%. Em junho/18 a variação foi de 1,26%, fruto da paralisação dos caminhoneiros no mês anterior. A taxa no ano de 2019 ficou em 2,23%. O acumulado em 12 meses foi de 3,37% a queda expressiva observada com relação ao capturado no mês anterior de 4,66%, foi em decorrência da saída do impacto de 1,26% (junho/18).

Dentre os grupos pesquisados no mês de junho/19, os que tiveram uma menor variação e contribuição para o resultado do mês foram: Alimentação e bebidas -0,25% e Transportes -0,31% com um impacto no índice de -0,06 p.p. e -0,06 p.p. respectivamente, estes dois grupos representam aproximadamente 43% das despesas das famílias. Já as variações e as contribuições positivas mais expressivas observada no mês foram Saúde e Cuidados Pessoais + 0,64% um efeito de 0,08 p.p. e Vestuário com variação de 0,30% e 0,02 p.p. no impacto final do índice no mês. Dentro do grupo alimentação a queda mais expressiva foi dos preços de frutas (-6,14%) e feijão-carioca (-14,80%).

O último boletim Focus divulgado pelo Banco Central em 02/08, capturou uma expectativa do mercado para o IPCA no final do ano de 3,80%. A meta de inflação no Brasil para 2019 é de 4,25%. Para 2020 a expectativa do mercado é de um IPCA de 3,90%.



Fonte: IBGE

A variação do Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M) para o mês de julho/19 divulgado pela FGV ficou em 0,40%, inferior ao verificado no mês junho/19 que foi 0,80%. No ano de 2019 o índice acumulou uma alta de 4,79%. Nos últimos 12 meses o acumulado está em 6,39%. Os três índices que compõem o IGPM apresentaram a seguinte variação: o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) subiu 0,40% no mês de julho/19 contra +1,16% em junho/19 O segundo índice com o maior peso no IGPM é o IPC que variou 0,16% em julho/19 frente a queda de 0,07% em junho/19 e por fim o INCC que subiu 0,91%.

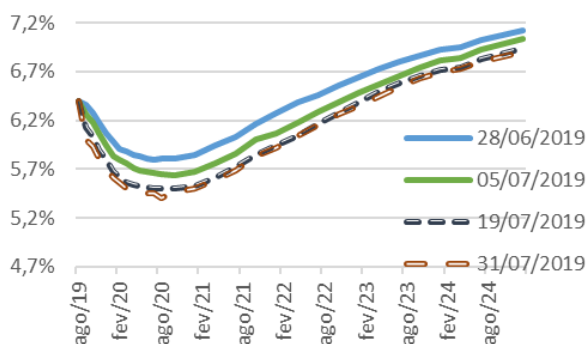
O comportamento do IPCA até o momento, indica que a inflação para o ano de 2019 tende a ficar abaixo da meta estabelecida para o ano, caso não ocorra nenhum evento surpreendente, como por exemplo, algum reflexo da guerra comercial entre EUA e China. O índice acumulado de 12 meses de 3,37% do mês de junho/19 que ficou abaixo do verificado nos últimos tempos, será o que vai corrigir o limite dos gastos no próximo orçamento, conforme definiu a emenda constitucional 95/2016. O Copom reduziu a taxa Selic em 0,50% só agora em 31/07/19, não porque tivesse alguma dúvida quanto à trajetória de redução da inflação nos últimos encontros, mas, como um reflexo da mudança da previdência aprovada em primeiro turno na Câmara. A verdadeira âncora da inflação está no elevado nível de desemprego de quase 12,7 milhões de brasileiros.



#### 4. Juros

O comportamento dos juros nominais negociados na bolsa B3 no mês de julho/19, apresentou uma trajetória redução dos juros nominais, mas, com certa estabilidade, pelo fato da proposta de mudança da previdência ter sido votada em primeiro turno com sucesso antes do recesso parlamentar. Podemos exemplificar com o contrato futuro com vencimento de Jan/21. Em 28/06 a taxa nominal negociada foi de 5,85% a.a.; no dia 19/07 o juro era negociado à 5,53%; e no último pregão do mês 31/07 a taxa encerrou no patamar de 5,50% a.a. . Os demais contratos tiveram uma trajetória semelhante.

**Brasil**  
**Juros DI Futuro**  
tx. (a.a) 252 d.u.



Fonte: B3

A última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) ocorreu nos dias 30 e 31 de julho/2019 a taxa Selic foi reduzida para 6,00% a.a., ou seja, é a primeira diminuição desde março/2018. A próxima reunião do Copom será em 17 e 18 de setembro/19. A expectativa divulgada no dia 02/08/19 pelo BCB no boletim Focus que é a contribuição do mercado financeiro para o cenário econômico, indica para o final de 2019 um IPCA em torno de 3,80%, crescimento do PIB de 0,82% e taxa Selic em 5,25%. Seguidamente, o boletim apresenta uma revisão pessimista para a economia do país. A meta de inflação para 2019 é de 4,25% com intervalo de tolerância de 1,50% para mais ou para menos.

#### 5. Crédito

O gráfico abaixo, mostra o saldo do crédito no sistema financeiro nacional com relação ao PIB desde dezembro/2017. No mês de junho/19 esta relação ficou em 47,2%. Praticamente estável em relação ao primeiro dado do gráfico, 47,3%. O saldo das operações de crédito no mês de junho/19 ficou em R\$ 3,3 trilhões, variação positiva de 0,4% em relação ao mês anterior. Na carteira de pessoa física com recursos livres cresceu 0,7% com relação ao mês anterior, com destaque para o crédito pessoal consignado e financiamentos de veículos. Já a carteira de recursos direcionados cresceu 0,6%, passando para R\$ 1,9 trilhões. A carteira de pessoa jurídica, com recursos livres também encerrou o período com resultado positivo, crescimento de 2,1%. Enquanto que o crédito direcionado permaneceu estável, ocorrendo baixas de saldos para prejuízo na carteira de crédito direcionado, que contrabalançaram a elevação na carteira.

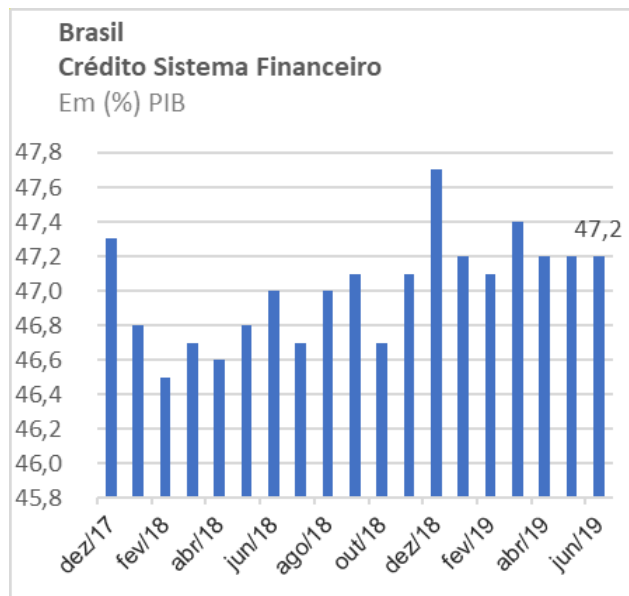
Nos seis primeiros meses do ano, houve incremento de 1,2% na carteira total de crédito, em consequência do aumento de 6,8% e 1,5%, respectivamente no crédito livre a famílias, com destaque para as operações de crédito pessoal e de financiamento de veículos. Enquanto que as empresas tiveram aumento na necessidade das operações de descontos de duplicatas, recebíveis, antecipação de faturas de cartão, capital de giro e aquisição de veículos.

Em junho, o crédito livre para empresas variou em 2,1%, apresentando resultado de R\$826 bilhões, direcionado principalmente para fluxo de caixa (antecipação de fatura do cartão, recebíveis e descontos de duplicatas), capital de giro e compra de veículos. As concessões totais de crédito tiveram expansão de 10,9% nos primeiros seis meses de 2019, se comparado com o mesmo período do ano passado, efeito da expansão de 12% das contratações de crédito livre.

A taxa média de juros das concessões permaneceu estável em 25,2% a.a. no período (+0,6 p.p. na comparação interanual). No crédito livre, a taxa média declinou 0,2 p.p. no mês e em doze meses, para 38,3% a.a., influenciada pela redução do custo médio às empresas (-0,8 p.p. mês, para 18,7%). Nas operações do segmento livre com famílias, a taxa média elevou-se em 0,3 p.p. no mês, para 53,2% a.a. (cheque especial: +1,3 p.p., cartão não regular e parcelado: +2,4 p.p. e +1,5 p.p., respectivamente).

O spread geral das taxas de juros elevou-se 0,4 p.p. no mês, para 19,6 p.p., refletindo o efeito da retração no custo de captação.

Enquanto que a inadimplência permaneceu praticamente inalterada. Passando de 3,0% em maio/2019 para 2,9% em junho/2019.



Fonte: BCB

## 6. Contas Públicas

O resultado do setor público consolidado referente ao mês de junho/19 apresentou déficit primário de R\$12,7 bilhões, sendo que no mês anterior o resultado havia sido deficitário em R\$13,5 bilhões. O déficit primário de junho foi formado pelo déficit do Governo central de R\$12,2 bilhões e pelos superávits dos governos regionais e das empresas estatais em R\$55 milhões e R\$439 milhões, respectivamente.

Os juros nominais do setor público consolidado para o mês de junho/19 alcançaram R\$17,4 bilhões, apresentando redução se comparado a junho de 2018 (R\$44,4 bilhões). Segundo o Banco Central, os juros nominais foram menores em razão do resultado positivo das operações de swap cambial de R\$9 bilhões (sendo que no mesmo mês em 2018 o resultado havia sido de R\$7,1 bilhões); melhor evolução dos índices de preços que indexam parte do endividamento líquido, além do mês ter tido menor número de dias úteis. Ao comparar o acumulado em 12 meses dos juros nominais até junho/19 e o mesmo período até junho/18, percebe-se que houve redução, levando em conta que os resultados foram R\$357,3 bilhões

(5,11% do PIB), ante R\$397,2 bilhões (5,95% do PIB).

Com relação ao resultado nominal do setor público consolidado, formado pela soma do resultado primário e dos juros nominais, registrou déficit de R\$30,1 bilhões em junho. No período de 12 meses, o resultado acumulado do déficit nominal atingiu R\$456,9 bilhões (6,54% do PIB), apresentando redução de 0,42 p.p. do PIB se comparado ao déficit acumulado no período de 12 meses até maio/19.

No mês de junho de 2019, a Dívida Líquida do Setor Público (DLSP), que representa o endividamento dos governos federal, estadual e municipal, apresentou o valor de R\$ 3.859,8 bilhões, representando 55,22% do PIB, um incremento de 0,5 p.p em relação ao mês de maio de 2019.

Este resultado é justificado pelo ajuste decorrente da valorização cambial de 2,8% no mês (aumento de 0,5 p.p.), a incorporação de juros nominais (aumento de 0,2 p.p.), o déficit primário (aumento de 0,2 p.p.), o ajuste de paridade da cesta de moedas que integram a dívida externa líquida (redução de 0,2 p.p.) e o crescimento do PIB nominal (redução de 0,2 p.p.).

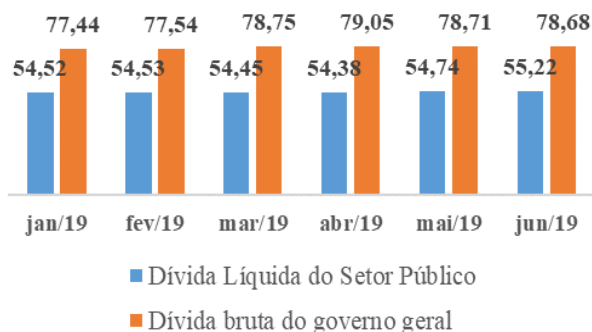
A relação DLSP/PIB anual apresentou um incremento de 1,1 p.p., por conta da incorporação de juros nominais (aumento de 2,6 p.p.), pelo efeito da valorização cambial de 1,1% acumulada no ano (aumento de 0,2 p.p.), pelo déficit primário (aumento de 0,1 p.p.), pelo ajuste de paridade da cesta de moedas que integram a dívida externa líquida (redução de 0,5 p.p.) e pelo crescimento do PIB nominal (redução de 1,3 p.p.).

A Dívida Bruta do Governo Geral, que compreende o INSS, e os governos federal, estaduais e municipais, encerrou o mês de junho de 2019 em R\$ 5.499,0 bilhões, correspondente a 78,68% do PIB, permanecendo estável como participação do PIB em relação ao mês anterior. O resultado é explicado pela incorporação de juros nominais (aumento de 0,4 p.p.), o ajuste decorrente da valorização cambial (redução de 0,1 p.p.) e o crescimento do PIB nominal (redução de 0,3 p.p.).

Já a relação DBGG/PIB anual cresceu 1,5 p.p., como consequência, em especial, da incorporação de juros (aumento de 3,0 p.p.), de emissões líquidas de dívida do governo geral (aumento de

0,3 p.p.), do ajuste decorrente da valorização cambial (redução de 0,1 p.p.) e do crescimento do PIB nominal (redução de 1,8 p.p.).

### Evolução da dívida Líquida e Bruta (% do PIB)



Fonte: Banco Central do Brasil

## 7. Contas Externas

Começando pelas contas que compõem o grupo das transações correntes, observa-se que as exportações sofreram um impacto negativo de quase 11% - se comparado a junho/2018. Tal recuo deve-se, essencialmente, pela redução das receitas advindas da soja, e de manufaturados para a Argentina. Sendo assim, as exportações totalizaram-se em US\$18 bilhões. Também, destaca-se que as importações sofreram uma redução de 6,7%, de modo a gerar um saldo de US\$13,7 bilhões.

No acumulado do ano, as exportações recuaram 1,5%, enquanto as importações aumentaram 1,1%, resultando em diminuição de 9,7% no saldo comercial, que atingiu US\$24,8 bilhões no primeiro semestre de 2019. Dessa forma, na comparação interanual, denota-se que houve redução no saldo positivo da balança comercial de bens, de US\$5,5 bilhões para US\$4,3 bilhões.

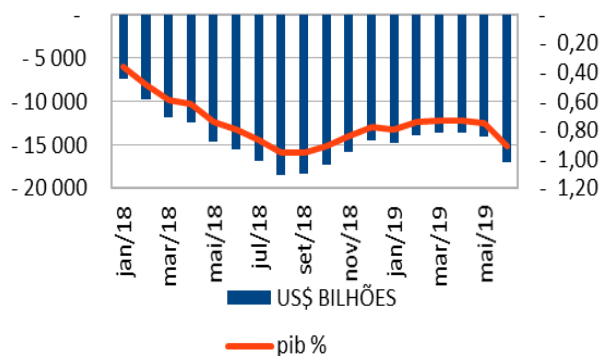
Dentro do mesmo grupo de contas, tem-se que o déficit na conta serviços atingiu US\$3,3 bilhões no mês - 10,0% maior que o resultado de junho/2018. Isso se deu porque houve um aumento de US\$127 milhões nas despesas líquidas de serviços de propriedade intelectual, e em contrapartida, uma diminuição das receitas líquidas de outros serviços de negócio, de US\$524 milhões para US\$387 milhões. Não obstante, o déficit em serviços alcançou US\$16,0 bilhões no acumulado do ano, até junho. Um resultado que representa uma

redução de 3,7% em relação ao mesmo período de 2018.

Por fim, fechando o grupo das transações correntes, observa-se que a conta renda aumentou seu déficit em 62,1% na comparação interanual – totalizando US\$4,1 bilhões. A elevação do déficit mensal ocorreu em função de maiores despesas líquidas de lucros e dividendos - 117,3% acima das despesas líquidas ocorridas em junho/2018. Já as despesas líquidas de juros reduziram 0,6% na comparação interanual – comportamento esse já esperado pela sinalização de queda da SELIC por parte do COPOM. Também, destacam-se o aumento de 8,5% nas receitas brutas de juros, em razão da maior rentabilidade das reservas internacionais.

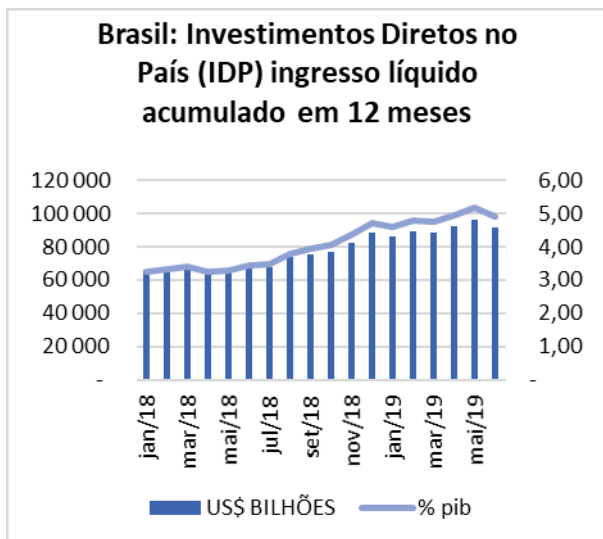
Assim, para junho/2019 o saldo das transações correntes fecha deficitário, no valor de US\$2,9 bilhões. É um desempenho que chama atenção, já que na comparação interanual o saldo totalizou superavitário na ordem de US\$160 milhões. Salienta-se, por fim, que no acumulado do ano o déficit das transações correntes vem aumentando.

### Brasil: Transações correntes acumulado 12 meses



Fonte: Banco Central do Brasil

Partindo para o grupo da conta capital, nota-se que os ingressos líquidos em investimentos diretos no país (IDP) somaram US\$2,2 bilhões no mês. No primeiro semestre de 2019, os ingressos líquidos de IDP somaram US\$37,3 bilhões. O que mostra uma margem de 10,4% superiores aos US\$33,8 bilhões na comparação interanual. No acumulado em 12 meses até junho, os ingressos líquidos de IDP totalizaram US\$91,8 bilhões, equivalentes a 4,91% do PIB. É um desempenho que mostra prováveis expectativas positivas dos empresários estrangeiro com relação a reforma da previdência.



Compondo o mesmo grupo, os capitais de curto prazo contemplaram saídas líquidas de US\$590 milhões resultado similar ao observado nos três meses anteriores, já que a trajetória da SELIC já foi absorvida pelos rentistas. No ano, até junho/19, as entradas líquidas de US\$9,1 bilhões em instrumentos negociados no mercado doméstico ocorreram por conta dos fluxos positivos em títulos de dívida, US\$11,1 bilhões, enquanto ações e fundos de investimento registraram saídas líquidas de US\$2,0 bilhões. Nos 12 meses encerrados em junho/19, os instrumentos em portfólio negociados no mercado doméstico somam saídas líquidas de US\$1,7 bilhão, demonstrando aversão por parte dos aplicadores financeiros quanto a decisão do COPOM sobre a taxa de juros doméstica.

Por fim, dentro do grupo do movimento de capitais compensatórios, tem-se que as reservas internacionais somaram-se US\$388,1 bilhões em junho/2019, correspondendo a 351,3% da dívida externa de curto prazo residual (exceto operações intercompanhia e títulos de dívida negociados no mercado doméstico). Essa expansão comparada ao mês anterior, deve-se, entre outros fatores, devido a receita de juros.

## 8. Internacional

O FMI divulgou no dia 23/07 o relatório Panorama Econômico Mundial (WEO) que reduziu a projeção de crescimento da economia global de 3,3% para 3,2% em 2019 e de 3,6% para 3,5% em 2020. É a segunda vez esse ano que o FMI altera a projeção de crescimento do PIB mundial. No relatório, o FMI aponta como principais causas as incertezas apresentadas pela Guerra Comercial entre EUA e China e os sucessivos cortes nas projeções de crescimento de Brasil e México.

Nos EUA, o destaque foi para a divulgação da primeira estimativa do PIB norte-americano, referente ao 2. trimestre, que mostrou expansão de 3,1% ao ano. A abertura do indicador mostra dinâmica positiva do consumo das famílias, que representa mais de 70% do PIB americano, e inflação baixa. Na quarta-feira, 31/07, o Fed (Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos) cortou a taxa de juros pela primeira vez desde a crise financeira de 2008. O corte foi de 0,25 ponto percentual, levando as taxas à faixa de 2,00% a 2,25%, antes de 2,25% a 2,50%. A redução dos juros pelo FED impulsionou os índices americanos aos seus recordes. Os principais índices de ações seguem em alta no ano: S&P 500 18,89%, Nasdaq 23,21% Dow Jones 15,16%, dinâmica compatível com a expectativa de afrouxamento monetário e após a divulgação de nova agenda de negociações entre EUA e China. O Fed antecipou também o fim da redução do balanço de ativos (o quantitative tightening) para dois meses antes do previsto, ou seja, para o mês de agosto. No dia seguinte (01/08) o governo americano anunciou que os EUA irão impor sobretaxa de 10% sobre US\$ 300 bilhões em importações da China, o que disparou a aversão global aos riscos. Outro destaque é a valorização do dólar em quase 2% em julho/19.

Além disso, o Congresso Americano e a Casa Branca estão próximos de fechar um acordo para aumentar os gastos federais e elevar o limite de endividamento soberano até meados de 2021. Esse é um compromisso bipartidário assumido para evitar uma crise diante da forte demanda de conservadores na Câmara e no Governo Americano por cortes profundos nos gastos.



Na Europa, destaque para eleição do Reino Unido de Boris Johnson, que lidera o partido conservador e foi nomeado primeiro ministro no último dia 24. Por 92.153 votos a 46.656, o ex-ministro de Relações Exteriores e ex-prefeito de Londres (2008-2016) Boris Johnson, líder da campanha pelo *Brexit* quando o plebiscito foi realizado em 2016, foi eleito, derrotando o adversário Jeremy Hunt, atual ministro de Relações Exteriores. Tanto Johnson quanto Hunt são defensores do *Brexit*, mas o vencedor da eleição quer que o Reino Unido deixe o bloco europeu em 31 de outubro, com ou sem acordo e regras de transição. O BCE, por sua vez, sinalizou que possui intenção de uma política econômica mais acomodatória, adotando um tom otimista para sua economia, porém, está à espera de mais dados para decidir pelo corte de juros.

Já o preço do petróleo subiu nos mercados globais com a apreensão de um navio britânico pelo Irã acirrando a tensão geopolítica com o Oriente Médio. Forças de segurança iranianas apreenderam na sexta-feira, 20/07, um petroleiro de bandeira britânica na região do Golfo, o que foi considerado pelo Irã (que teve um petroleiro detido por britânicos no início deste mês) uma grave "violação de regras marítimas internacionais".

## Expediente

Boletim DEPE, Ano IV, n.19.

**Coordenador responsável:** Antonio Corrêa de Lacerda, Prof. Dr. da PUCSP

### Equipe de redação:

Ana Paula Negreli Persici Vassallo, advogada e mestre em Economia Política pela PUC-SP;

Ana Carolina Gimenes, economista e mestrando em Economia Política pela PUC-SP;

Andreia Marques Duarte, economista e mestre em Economia Política pela PUC-SP;

Andrey Barbato, economista e mestrando em Economia Política pela PUC-SP;

Emerson David, graduando em economia pela PUC-SP;

João Frazão, economista pela PUC-SP, com MBA em Gestão Empresarial pela ESPM;

José Victor Perroni Cassiolato, mestrando em Economia Política pela PUC-SP;

Marcelo Eisenhower Farias, economista, com MBA em finanças (IBMEC) e mestre em Economia Política pela PUC-SP;

Mariza Matthis – economista e mestranda em Economia Política – PUC/SP

Miguel Huertas Neto, economista e mestre em Economia Política pela PUC-SP;

Rodolfo Viana, economista e mestre em Economia Política pela PUC-SP;

Tiago Antônio de Oliveira, economista e mestre em Economia Política pela PUC-SP; **(Coordenador)**;

Vicente Arouche Santos Filho, economista e mestrando em Economia Política pela PUC-SP;

Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento Econômico e Política Econômica (DEPE)

Programa de Estudos Pós-graduados em Economia Política da PUC-SP (PEPGEP)

Rua Ministro Godoi, 969, 4º andar, sala 4E17, Perdizes, São Paulo/SP

Tel. 11-3670-8516 E-mail [ecopol@pucsp.br](mailto:ecopol@pucsp.br)

Site <http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/economia>

Edição elaborada com informações disponíveis até 05/08/2010